

EXPERIÊNCIA ESPORTIVA E FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Ms. Carmen Lúcia Nunes Vieira¹

O trabalho expõe resultados de uma pesquisa cujo objetivo foi investigar o lugar social da biografia esportiva na formação de professores/as de Educação Física em formação inicial, nos cursos superiores de três instituições de Florianópolis/Brasil: Universidades, Federal (UFSC) e do Estado (UDESC), e do Sul de Santa Catarina (UNISUL). As fontes principais foram depoimentos de acadêmicos/as, *atletas* (filiação a federações esportivas) e *não-atletas* (com alguma habilidade, mas sem destaque esportivo e/ou contato com o esporte), cruzadas, secundariamente, com fontes escritas [documentos curriculares]. *Esporte, formação, memória, experiência, narrativa*, foram conceitos aglutinadores importantes. Os depoentes apontam as *experiências* corporais na infância já relacionadas ao esporte; e revelam as ambigüidades no trato deste no contexto da formação, trilhando por caminhos que aludem ao *uso regrado do corpo* e à exigência de uma disponibilidade corporal para sua prática, bem como um reconhecimento *moral* versus um *financeiro* que ele possibilitaria. As fontes mostram que a valorização das *experiências* esportivas pregressas, da infância à escolha da formação na área, e/ou no próprio curso de formação inicial, são vistas como “formativas”. Podemos dizer que os sujeitos “formam-se”, em grande medida, por suas *experiências*, muitas delas vividas no âmbito esportivo.

Palavras-chave: Formação de professores, Experiência, Esporte, Educação Física

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS E O ESPORTE

Ao longo do século XX o esporte se configurou como uma prática com grande *papel civilizador*, e coroou uma sociedade *esportivizada*, de livre concorrência, de competidores, perdedores e vencedores, com discursos oficiais que lhe honram como solução *dos males sociais*, sobretudo de crianças e jovens. No Brasil tornou-se já nas primeiras décadas do século XX uma expressão da modernidade, coroando uma sociedade que clamava “por estímulos, emoções, adestramentos, agilidades, impulsos, excitações perspicácia divertimento e gozo, além de transes profundos de expectativa, comunhão e euforia” aos seus praticantes ou entusiastas (Sevecenko, 1992:48). Tema de grande relevância na sociedade contemporânea, não escapa aos debates acadêmicos,

¹ Mestre Em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea/PPGE/CED/UFSC. Professora da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

encontrando na Educação Física seus principais pressupostos absorvidos pela prática pedagógica. Nela o debate é aquecido, pois o esporte se relaciona com tal área de maneira tão íntima e intensa que às vezes chega, ou chegou, a se confundir com a própria². E quando o tema é a formação de professores/as de Educação Física, as representações tornam-se mais ambíguas e paradoxais, já que lida com a sua dimensão prática, o que supostamente se sabe fazer.

Ao longo desta investigação procurei compreender elementos que pudessem indicar o lugar social da biografia esportiva na formação de professores/as de Educação Física no processo de formação inicial nos cursos superiores de três instituições da Grande Florianópolis/SC: UFSC, UDESC, UNISUL. As fontes selecionadas foram entrevistas de acadêmicos/as (futuros professores/as), assim dispostos³: atletas (filiação a federações esportivas), e não-atletas (aqueles com alguma habilidade, mas sem destaque esportivo), cruzadas, secundariamente, com fontes escritas [documentos curriculares]. Os depoimentos são protagonistas na análise dos dados. Considerando as *experiências esportivas*, dos entrevistados, trabalho com alguns elementos de *história oral* (Thompson, 1998). As fontes escritas servem para balizar as falas dos sujeitos, bem como um resguardo às questões reveladas nelas. Ao ouvir a narração das *experiências esportivas*, materialmente vividas, refletimos sobre

² Taborda de Oliveira (2003) em seu trabalho *Educação Física Escolar e Ditadura Militar no Brasil (1968-1984)* relata que no conjunto de depoimentos por ele colhidos as perspectivas do esporte se confundem no contexto da formação e, das aulas de Educação Física escolar. Dos doze professores escolares entrevistados, cinco deles tiveram a formação esportiva e sete não tiveram essa formação. Enquanto uns apontavam a possibilidade educativa, outros declaravam que era o que estava posto na época. Para alguns, esporte e Educação Física chegavam a se confundir no momento estudado. Para outros há uma apontamento de tensão entre esporte como meio educativo e o esporte como fim em si, ou esporte de rendimento.

³ A especificação/caracterização dos depoentes é a seguinte: Três do curso de formação da Unisul: Roger, acadêmico da 8ª fase do curso, 22 anos, **atleta** de atletismo, que compete nacionalmente na modalidade 3.000m com obstáculos, atualmente na busca índice para os Jogos Pan-americanos de 2007, a serem realizados no Rio de Janeiro. Dois **não-atletas**: José, também acadêmico da 8ª fase, 20 anos, praticante/instrutor de yôga, e Tati, acadêmica da 5ª fase, 22 anos, com habilidades com alguns esportes, especialmente, surfe, e atua como professora de hidroginástica e natação para bebês. Os depoentes da UDESC se dispuseram da seguinte forma: Marcela, acadêmica da 7ª fase de Licenciatura, 35anos, atleta de basquetebol, que ainda compete em nível estadual (diz que esta se aposentando). Do Bacharelado: dois atletas, Gilberto, 21 anos, acadêmico 7ª fase, jogador da equipe UNISUL de voleibol, que disputa campeonatos no cenário nacional. E Adilson, 23 anos, também acadêmico da 7ª fase, atleta de escalada esportiva, participante de campeonatos estaduais. Também o não-atleta, Marcos (acadêmico da 8ª fase da UDESC e 7ª fase da UFSC), 23 anos, 8ª fase, habilidades com handebol e basquetebol, mas atuante na área de recreação em hotéis. Na UFSC ouvimos Régis, 29 anos, acadêmico do curso desde 1997, agora na 8ª fase, atleta de destaque de uma equipe de futsal da cidade de Florianópolis. E o não-atleta Marcos, 23 anos, da 7ª fase do curso, que, também, cursa bacharelado na UDESC.

suas condições e experiências atuais. Assim, além de *esporte e formação*, *memória*, *experiência* e *narrativa* são conceitos aglutinadores importantes.

Cabe ressaltar que as narrativas esportivas são, via de regra, laudatórias. As falas apontam na direção de questões que dizem respeito ao fato de as práticas corporais na infância já se relacionarem ao esporte, seja na aproximação com escolinhas, nas brincadeiras de rua ou nas aulas de Educação Física. Revelam, também, que as ambigüidades inerentes ao esporte estão presentes no contexto da formação. E que as *experiências esportivas*, desde a infância até a formação inicial, compõem certo etos esportivo que contribui na identidade profissional, ou no *jeito* se formar professores/as.

Experiências Corporais Na Infância: Brincadeiras Esportivas x de Rua x Educação Física Escolar

As narrativas trazem a contradição, as dimensões e influências sociais quando são rememoradas as brincadeiras das suas infâncias, tanto na escola, como fora dela. Como no recorte abaixo:

Foi bem isso que eu falei desde nova eu fui introduzida ao esporte. Tenho primos gremistas⁴ que a gente brincava...eu era a única mulher...ia ao estádio com meu pai...sempre joguei no time da escola...já...já...já joguei uma pá de coisas. Já joguei o municipal de vôlei. Fiz vários esportes, mas isso era quando eu era criança...hoje em dia não. Joguei vôlei muito tempo porque eu gosto, assim. Jogo também handebol, futebol, mais...isso assim...por isso fiz Educação Física [...] Fiz vôlei tudo, mas individual...quatro anos de curso...Adoro. [...] De vôlei...tipo era um clube...eu e a minha irmã nós éramos atletas do clube, da escolinha de vôlei. E handebol era pela escola. (não-atleta Tita, UNISUL).

Fica expressa a influência do meio vivido, ou melhor, das práticas esportivas, algo evidenciado também nas práticas escolares. A fala nos remete a pensar sobre uma possível prevalência do modelo esportivo nas práticas lúdicas. As brincadeiras em forma de competição aparecem tanto nas atividades infantis no âmbito informal, brincadeiras de rua, como no espaço formal, nas práticas escolares. Aqui podemos observar o relevante papel do esporte como fenômeno cultural significativo na atualidade. Devido a sua hegemonia, não é de se estranhar que exerça grande influência sobre as mesmas já na infância.

⁴Torcedores do Grêmio de Foot-baal Porto-alegrense, equipe da primeira divisão do futebol brasileiro.

Mas como bem observa Benjamin (1984:70) “as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada” e por isso as brincadeiras, também, são expressão do mundo adulto.

Encontramos as mesmas *marcas esportivas*, e as influências sofridas pelo meio, para a “escolha” dessas ou daquelas práticas em muitas das narrativas. Mas Roger e Marcela – que também se tornam atletas – apresentam um contraponto. Suas lembranças, das experiências corporais, da infância são marcadas por um sentimento de liberdade e pelo prazer das brincadeiras de rua. Vamos ouvir uma delas:

Eu sou de uma cidade do interior, do Paraná. Desde pequena eu era bem sapeca. Tinha, assim, uma liberdade total, pra ir pra rua, pra brincar na rua, pra essas brincadeiras de pega-pega...nada de...assim [esporte]. Então a minha infância foi maravilhosa. E o esporte mesmo em si eu comecei tarde. [...] (atleta, UDESC).

As *marcas esportivas* aparecem tanto na condição de praticantes, em treinamentos e competições, ou espectadores, ou ainda, na forma de brincadeiras, tanto nas esportivas, como nas de rua, o que não quer dizer que a primeira exclua a última. Informam que a prática lúdica era muitas vezes permeada pelo modelo esportivo, mas também o seu inverso. No âmbito Escolar essas *marcas* impressas nas lembranças, aparecem, mas não há consenso quanto às perspectivas do esporte na escola e seu papel.

Mas eu tive muita felicidade de lembrar a minha Educação Física, era separada em bimestres, quatro bimestres, um pro basquete, um era vôlei, um handebol, um de atletismo. [...]Então a gente tinha muitas coisas, coisas [testes] que hoje a gente vê em fisiologia que serve pra medir a capacidade aeróbica da pessoa, a gente já fazia naquela época. A gente fazia tiro individual de 50 metros, tinha prova de 50 metros, a prova de 12 min., salto em altura, salto em distância. [...]. Não tinha essa coisa de largar a bola. (não-atleta Marcos, UDESC/UFSC).

A Educação Física centrada no esporte e na aptidão física é lembrada com prazer. Assim como as aulas pautadas numa valorização “moral” do esporte, com certo aprendizado de *valores*, além de um elogio aos dispositivos disciplinares, que encontram na educação tradicional sua realização.

AMBIGÜIDADES DO ESPORTE NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO

RECONHECIMENTO MORAL X RECONHECIMENTO FINANCEIRO

As contradições e ambigüidades apontam para um *reconhecimento moral* em contraposição ao *reconhecimento financeiro* que o esporte possibilitaria. O primeiro no desejo dos futuros professores/as, atletas, em se tornarem ídolos, famosos, reconhecidos nacional e internacionalmente, com boas condições financeiras, poder sobreviver do esporte, e bem, é um dos sonhos que freqüentam as narrativas. Mas, concorre com isso uma indicação do esporte como educativo por excelência, com seus princípios e regras, que pode ensinar disciplina, respeito, cooperação, limites, enfim *valores morais*. Aproxima-se do discurso oficioso que lhe atribui muitas dessas funções, chega a ser apontado como solução para *mazelas sociais*, sem, contudo, considerá-lo como parte dessas próprias *mazelas*.

Então minha família é uma família muito humilde, assim vamos dizer, pra não dizer pobre. [...]Então [o esporte], deu um rumo diferente pra minha vida...e se eu não tivesse fazendo esporte, eu estaria trabalhando com o meu pai na feira. Porque meu pai é feirante e acorda 3:30h da manhã... Até um ano e meio atrás eu trabalhava na feira também [...] acordava 3:30h da manhã...uma loucura. Então o esporte deu uma virada na vida, foi o ponto auge, o ponto inicial de tudo, assim. Foi tudo [...] Tudo. Social. Financeira. A partir do conhecimento, adquiri muito conhecimento...social, assim, o convívio com as pessoas diferentes, de outro nível, de outra faixa. Reconhecimento do público. Tem bastante gente que me conhece, tem pessoas que me admiram, porque eu tenho um histórico grande. (atleta Roger, UNISUL).

Há a concordância de uma legitimidade pelo resultado, da valorização do esforço, do mérito. Mas, também, em contraposição a todo reconhecimento financeiro alcançado, desejado, há a presença de um reconhecimento e de um *etos moral* do esporte que está nos discursos e nas representações no contexto da formação, muitas vezes atribuindo a ele certo desenvolvimento e formação de um “bom caráter”, principalmente pela disciplina ensinada.

DISPONIBILIDADE E DOMÍNIO CORPORAL

Entre os depoentes e futuros/as professores/as, toda disponibilidade, controle e domínio corporal – que são requisitos primordiais para o esporte – se apresentam como *normais*, e são considerados somente uma parte da prática esportiva. A *entrega* do corpo, passa pela dedicação à modalidade praticada, e por uma exposição a lesões, consideradas parte integrante do esporte. O treinamento leva o corpo ao seu limite extremo, e para potencializá-lo em

busca do seu rendimento máximo, são elementos integrantes desse processo os prejuízos corporais. Ouvimos as falas:

[...]Lógico que todo mundo pensa em desistir em tudo. Eu acordava todo dia de manhã e pensava “putz!! mais uma surra”, porque dói demais treinar. Mas eu pensava não, dinheiro. Treinava no esforço (...) isso dói no corpo. Dói demais. Tipo voltava do treino, assim, só comia e puff deitava acabado. Vinha pra aula parecia que tava dentro de um túnel assim [gestos com a mão] rodando a cabeça. Mas tinha o reconhecimento que ajudava muito, daí começou a surgir todos os títulos. (atleta Roger, UNISUL).

No vôlei é complicado porque o trabalho...tu tem que trabalhar sempre no limite, o que tem um grande risco de lesão, mas o vôlei tu trabalha “ah! hoje eu vou mais ou menos, vou dar uma segurada”, geralmente quando tu faz isso é que te lesiona. No vôlei acontece bastante isso, quando a pessoa ta “ah! Hoje ta mais ou menos”, aí acontece de sobrar um pé embaixo da rede e pisar encima, aí torcer o tornozelo, vai com a mão mole no *bloq* e toma uma bolada no dedo. Então é preferível...vai no máximo, se machucar no máximo paciência, mas é melhor do que se machucar por omissão. (atleta Gilberto, UDESC).

As narrativas nos colocam mais uma vez o enfrentamento com a questão *moralizante* do esporte, que por sua vez encontra no esforço, no domínio corporal, na *entrega* por inteiro do corpo, uma expressão singular. Se for preciso se machucar, não pode ser por omissão, falta de esforço, mas sim por seu excesso. O sacrifício exerce um papel central nas representações dos atletas; na preparação do *meio* – corpo – para o esporte, o sacrifício é legitimado. Então o aprendizado deve ser o de severidade consigo para também ser com os outros. Aqui o destaque na determinação de uma *educação pela dureza*, (Adorno, 2003). O que se torna possível porque está posto, nas narrações, que os atletas devem conviver e resistir à dor, ou seja, dominar o corpo de algum modo, caso contrário não há rendimento e reconhecimento (não apenas pela performance, mas, também, moral).

VALORIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS ESPORTIVAS NA FORMAÇÃO

A ligação entre Esporte e Educação Física fica evidenciada, nas falas dos depoentes, assim como nos documentos curriculares. As análises indicam não só esta relação, mas a valorização das *experiências esportivas* no âmbito da formação docente. Os depoentes revelam, que a forte ligação com o esporte, a maioria desde a infância, foi determinante para a escolha da formação na área:

A minha forte ligação com o esporte desde pequeno. Eu gosto muito de esporte, adoro. A minha paixão pelo futebol. Isso foi fundamental pra escolha do curso. [...] Foi uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida, foi ter prestado o vestibular e ter passado. [...] Mesmo sendo licenciatura lá [UFSC] eu acho que a ela não é **bem** licenciatura na essência da palavra, pelas matérias, pelo esporte. (atleta, Régis, UFSC).

Na minha cabeça na Universidade eu queria fazer Computação, é que eu sempre gostei de Matemática, também, então eu queria alguma coisa que tivesse isso. [...] Aí o fato de está no esporte “ah! Vou fazer UDESC, Educação Física”. [...] Mas assim, sempre gostei, sempre gostei de Matemática e Educação Física (atleta Gilberto, UDESC).

Há a indicação que as *experiências esportivas*, não só foram determinantes nas escolhas dos depoentes, mas também fonte de identificação com o curso. Aqui se confirma nas narrativas a questão que o esporte é um dos fios condutores das propostas curriculares mesmo nos cursos de licenciatura.

Outro ponto de destaque é que os atletas se usam do conhecimento prático, da *experiência esportiva*, para renegar ao segundo plano a formação acadêmica. E que, também, por sua vez os professores valorizam tais experiências. “Eu acho que tem ajuda dos professores por ser atleta, na Educação Física, não sei se em outros cursos teria” (atleta Gilberto, UDESC). Assim o *capital de performance* adquirido pela prática esportiva é valorizado no campo acadêmico, na área de formação. Há um conflito entre as dimensões do próprio conhecimento em Educação Física, a prática propriamente dita, e uma, outra que diz respeito ao plano intelectual/teórico. Algumas vezes acarretando uma polarização na valorização da primeira em detrimento da última.

Notas – Longe de – Finais

As fontes apontam que os sujeitos “formam-se”, em grande medida, por suas *experiências*, muitas vividas no âmbito esportivo. Portanto, num sentido da formação pela *experiência esportiva*. Mas cabe advertir que se a formação de professores/as de Educação Física é construída por caminhos que estão interligados à *experiência* e é necessário não só considerá-la como devolver o seu lugar na aprendizagem dos conhecimentos necessários à existência (Dominicé apud Nóvoa, 1995). Se precisamos nos reportar ao *termo ausente* (Thompson, 1981) em se tratando da *experiência esportiva*, não podemos supervalorizá-la em detrimento do conhecimento. Pois, isso poderia indicar uma mistificação dos professores/as em relação ao conhecimento (Thompson,

1981). Mas “é sempre difícil conseguir o equilíbrio entre o rigor intelectual e o respeito pela experiência” (Thompson, 2002:46). Pois há sempre o risco de ocorrer uma polarização em direção a uma ou outra dimensão, mas é igualmente necessário tal exercício. E desse modo foi possível encontrar nas narrativas das memórias, do modo como vieram à tona, marcas do protagonismo dos futuros/as professores/as nas escolhas e no processo da formação inicial – ou, aquilo que puderam decidir para si.

Referências:

Adorno, T. W. (2003): “Educação após Auschwitz”. In: **Educação e emancipação**. Paz e Terra, 3ªed., Rio de Janeiro.

Benjamin, W. **Reflexões** (1984): a criança, o brinquedo, a educação. Summus, São Paulo.

Nóvoa, A. (Coord.) (1995): **Os professores e a sua formação**. Dom Quixote, 2ª ed., Lisboa:

Sevecenko, N. (1992): “A abertura em acordes heróicos dos anos loucos”. In: _____. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. Companhia das Letras, São Paulo.

Taborda de Oliveira, M. A (2003): **Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984)**: entre a adesão e a resistência. EDUSF, Bragança Paulista.

THOMPSON, E. P. (1981): **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Zahar, Rio de Janeiro.

_____. “Educação e experiência” (2002). In: _____. **Os Românticos**: a Inglaterra na era revolucionária. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

THOMPSON, P (1998): **A voz do passado**: história oral. Paz e Terra, 2ª ed., Rio de Janeiro.